

ETNOQUÍMICA DOS CHÁS NO QUILOMBO PIRATININGA EM BACABAL-MA

Matheus Alves Pereira¹ Professor Me. Marcos Fernando do Nascimento²

RESUMO

A proposta em questão visa pesquisar sobre a etnoquímica dos chás tomando como locus de investigação o Quilombo Piratininga em Bacabal-MA. Há uma importância histórica e cultural que permeia o consumo de chás pela humanidade, seja ela a tradição espiritual, religiosa ou folclórica. Objetivamos Investigar a relação existente entre os saberes populares dos moradores do Quilombo Piratininga em Bacabal, Maranhão na produção de chás com os conhecimentos etnoquímicos, identificando os conceitos científicos e a linguagem química permeada na prática quilombola da produção e consumo de chás medicinais buscando a alfabetização científica. Faremos uso de um estudo de cunho qualitativo pautado nos pressupostos metodológicos da etnografia, também conhecida popularmente como Pesquisa Participante. Com o desenvolvimento dessa pesquisa podemos proporcionar atitudes e habilidades científicas aos envolvidos e uma alfabetização científica a partir dos momentos de vivência no Quilombo Piratininga, além de despertar o interesse dos acadêmicos pela produção do conhecimento genuíno e corresponder aos objetivos aqui propostos.

Palavras chaves: Etnoconhecimento. Cultura. Educação.

Auxílio Financeiro: A pesquisa teve financiamento através de Bolsa de Iniciação Científica IFMA

INTRODUÇÃO

O diálogo entre saberes tradicionais e conhecimento científico tem se mostrado um terreno fértil para o avanço do conhecimento e o fortalecimento de identidades culturais. Os sistemas de saberes, compostos por práticas, crenças e observações empíricas acumuladas por comunidades ao longo de gerações, fornecem uma base rica para investigações etnoquímicas que, ao reconhecerem o valor epistemológico das

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Química do IFMA do Campus Bacabal;
matheusa@acad.ifma.edu.br

² Professor do Curso de Química do IFMA do Campus Bacabal;
marcos.nascimento@ifma.edu.br

tradições, ampliam o escopo das pesquisas acadêmicas e contribuem para inovações socialmente relevantes.

Em estudos desenvolvidos dentro dos Próprios quilombos como o de Guarçoni; Costa; Araujo (2020) mostram uma grande variedade de ervas medicinais dentro do quilombo piratininga, uma grande variedade de ervas medicinais utilizadas para fins terapêuticos, destacou-se como um método muito comum no tratamento de doenças na comunidade quilombola de Piratininga.

Mattos (2011), em especial, enfatiza a relevância de abordagens etnográficas para a construção do conhecimento científico, demonstrando que o mapeamento sistemático de saberes locais pode servir de modelo metodológico para investigações etnoquímicas em diferentes contextos.

Este estudo visa compreender como os moradores do Quilombo Piratininga articulam seus saberes tradicionais sobre produção e consumo de chás medicinais com fundamentos científicos, essa pesquisa se Justifica pela necessidade de valorizar e preservar os conhecimentos locais, frequentemente desconsiderados pelos protocolos formais de pesquisa, bem como pela urgência de fomentar um conhecimento científico que respeite a cultura da comunidade.

A pesquisa teve uma abordagem etnográfica, Inicialmente, foi realizado um momento de imersão do pesquisador e questionários semi estruturados e observações participantes com líderes e anciãos do Quilombo Piratininga para documentar técnicas tradicionais de preparo de chás. A análise dos dados qualitativos das rodas de conversa e Questionários permitirá comparar práticas populares com o conhecimento científico moderno. A pesquisa revelou pontos de convergência entre o saber popular e a ciência formal, evidenciando métodos empíricos que se sustentam em princípios químicos válidos.

O conhecimento tradicional da comunidade apresentou uma maior concentração entres os idosos, os senhores tinham mais conhecimento sobre a história da comunidade, as mulheres mais conhecimento sobre as ervas e a forma de preparo, a comunidade não tem um posto de saúde, então alguns moradores vão para a cidade, ou até a automedicação com ervas medicinais, sempre alegando falta de recurso.

A Linha entre o saber tradicional e o saber técnico, revela uma necessidade de integrar diferentes formas de cuidado. Valorizar as práticas medicinais de senhores e senhoras de comunidades quilombolas assim como todas as comunidades tradicionais representa uma forma de resgatar saberes que muitas da vezes são invisibilizados por

falta de um parecer científico, uma alfabetização científica e capaz até de promover um sistema de saúde mais plural, inclusivo e democrático (Mussoi et al. 2025).

METODOLOGIA

A pesquisa em questão se trata de um estudo qualitativo. Como bem afirma Minayo (2011, p.21) esse tipo de investigação “se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”. No entanto, ele tem sido amplamente usado em todos os campos do conhecimento, onde as relações entre os processos investigados e os fenômenos, requerem a interpelação das variáveis pela ótica de um observador. Neste sentido, lançaremos mão da etnografia, conhecida também como Pesquisa Participante, uma vez que ela “se articula através de suas propostas de construção de conhecimentos e ações científicas diversas e diferenciadas” (Nascimento, Assunção Filho e Madeira, 2023, p.230).

Brandão e Borges (2007) expoentes nacionais em Pesquisa Participante de pressupostos etnográficos, chamam atenção para o desenvolvimento do “estudo” nesse tipo de investigação, a qual deve levar em consideração sempre, os aspectos históricos, sociais e a realidade cotidiana dos sujeitos envolvidos, além de considerar o constante “exercício de uma pesquisa e da interação entre os diferentes conhecimentos” (p.54) partilhados na prática social do pesquisador a fim de que os conhecimentos científico e o popular se articulem criticamente em um terceiro conhecimento novo e transformador (id.).

Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados envolveu a participação ativa e a convivência direta do pesquisador com a comunidade quilombola Piratininga, por meio de encontros previamente definidos. Antes do início das visitas, realizou-se um contato preliminar com lideranças locais, com o objetivo de apresentar o projeto, explicar os objetivos e construir, em conjunto, uma agenda de visitas. Durante esse momento inicial, também foi feita a seleção das famílias que utilizavam chás de ervas com finalidades medicinais, sendo respeitado o princípio ético da participação voluntária.

As visitas de observação e participação foram realizadas pelo bolsista e pelo coordenador da pesquisa, em diferentes períodos, de modo a permitir a imersão gradual na realidade local. Essa convivência foi essencial para compreender as dinâmicas da

comunidade, as formas de preparo dos chás e os significados atribuídos às ervas utilizadas.

Percurso metodológico

O percurso metodológico foi estruturado em dois momentos principais. Primeiro momento Imersão do Pesquisador no Universo Etnográfico dos Participantes:

Nessa etapa inicial, buscou-se realizar uma imersão do pesquisador no contexto sociocultural da comunidade. Um questionário diagnóstico (Instrumento A) foi aplicado, com perguntas abertas e semiestruturadas, a fim de identificar as ervas mais utilizadas, a frequência de uso, as finalidades medicinais e as formas de transmissão desse conhecimento (por herança familiar, aprendizado com vizinhos, experiências pessoais etc.).

Além disso, foram realizadas rodas de conversa com os moradores, especialmente com as senhoras e senhores reconhecidos como guardiões dos saberes tradicionais. Esses encontros tiveram o propósito de conhecer histórias e práticas relacionadas aos chás, suas origens, rituais e significados culturais. Durante todas as atividades, os pesquisadores mantiveram registros detalhados em um diário de campo, no qual anotaram observações, falas marcantes e reflexões analíticas.

Nesse primeiro momento, a ênfase recaiu sobre o levantamento das ervas e insumos utilizados, as formas de preparo, o modo de consumo e as crenças associadas às suas propriedades medicinais. As informações obtidas serviram de base para o desenvolvimento da segunda fase.

Segundo momento – Articulação Etnoquímica dos Chás:

Após a imersão e a coleta inicial de informações, foi realizado um segundo ciclo de encontros, denominados de Articulação Etnoquímica dos Chás. Essa etapa teve como foco promover o diálogo entre o conhecimento tradicional e o conhecimento científico, por meio de rodas de conversa e atividades práticas.

Durante os encontros, promoveu-se o preparo e a degustação coletiva de chás, atividade que possibilitou o debate sobre os aspectos químicos e biológicos envolvidos nas infusões, como solubilidade, extração de princípios ativos e variações de sabor conforme o tempo e a temperatura da água. Esse momento foi inspirado na proposta de Alfabetização Científica de Chassot (2003), que defende a integração dos saberes populares com a linguagem científica sistematizada, de forma a corrigir concepções equivocadas e valorizar o conhecimento construído na vivência cotidiana.

Durante a degustação, foi promovido um debate orientado, no qual os participantes puderam expressar suas percepções sobre os chás e discutir as informações obtidas no questionário anterior. Em seguida, os pesquisadores realizaram uma exposição oral sobre o uso medicinal das plantas conforme a literatura científica, abordando aspectos como benefícios, riscos, princípios ativos, dosagens e conservação adequada.

Ao final do encontro, foi aplicado um segundo questionário (Instrumento B), com o objetivo de confrontar e articular os saberes populares e científicos, observando como os participantes reinterpretaram suas práticas a partir do diálogo estabelecido.

Aspectos Éticos

Por envolver seres humanos, a pesquisa seguiu as diretrizes das Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, sendo previamente submetida à Plataforma Brasil e apreciada por um Comitê de Ética em Pesquisa. O projeto foi acompanhado de todos os documentos necessários, como o Termo de Compromisso do Bolsista e do Coordenador e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo a transparência e o respeito aos direitos dos participantes.

Durante a pesquisa, foram observados os princípios de anonimato, voluntariedade e confidencialidade. Todas as informações obtidas nos questionários e no diário de campo foram armazenadas em computadores de acesso restrito, sendo utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Os principais riscos identificados diziam respeito à possível quebra de sigilo dos dados e à recusa de participação por parte de alguns entrevistados. Para minimizar tais riscos, assegurou-se aos participantes a liberdade de recusar ou interromper sua participação em qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Além disso, reforçou-se que a pesquisa não envolvia pagamento, custos ou benefícios financeiros, sendo uma iniciativa de caráter educativo e científico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização da pesquisa teve como foco principal proporcionar aos participantes uma participação ativa no processo, estimular o pensamento científico, além de observar as contribuições do conhecimento científico em práticas etnoquímicas de tomar um chá.

A realização das pesquisas teve como foco principal proporcionar aos participantes uma participação ativa no processo, estimular o pensamento científico, além

de observar as contribuições do conhecimento científico em práticas etnoquímicas de tomar um chá.

Imersão do Pesquisador no Universo Etnográfico dos participantes

O Quilombo Piratininga está situado às margens da BR-316, a cerca de 16 km a leste de Bacabal, segundo dados da comissão Pró-Índio de São Paulo o território conta com 221 famílias.

No processo de etnografia, foi possível observar um pouco da história da comunidade a partir do olhar de senhoras e senhores que há muito tempo residem na localidade. Muitos moradores, principalmente os mais jovens, não conheciam a história da comunidade. Os mais velhos relataram a história de uma mulher chamada “Cecília”, que veio de Portugal e teve interesse em comprar as terras, na época, ela não gostou do local e decidiu retornar para Portugal. Segundo relatos dos próprios moradores, “como quem deixa um objeto sem valor, esqueceu seus escravos de estimação”.

Nesse processo de imersão, o pesquisador também aplicou um questionário. O questionário, que foi o instrumento de pesquisa (A), contou com perguntas voltadas para conhecer a história das comunidades, como se dá a utilização das ervas medicinais e de que forma esse conhecimento foi herdado. No quadro a seguir, consta a transcrição literal das respostas dos moradores acerca da pergunta do questionário: “De quem você aprendeu ou herdou essa prática de tomar um chá?”

Quadro 1 - Respostas do questionário sobre a Herança do conhecimento sobre as ervas medicinais

R1	“eu aprendi com a minha vó, ela gostava de dar pros netos, sempre que eu tinha uma gripe ou uma torce ela fazia pra gente, ai minha mãe me ensinou, e agora eu ensinei pras minha filhas”
R2	“eu aprendi com meu pai, quando eu era criança ele fazia muito, ele me contou que aprendeu com um índio que ele encontrou em uma viagem dele”
R3	“desde que eu me entendo por gente eu sei fazer chá, não sei quem me ensinou, aprendi sozinho”
R4	“eu comecei a tomar porque os vizinhos me ensinaram, depois da pandemia comecei a tomar para diminuir as agonias sabe”
R5	“aprendi com minha vó quando eu era criança”
R6	“minha tia trouxe de uma viagem dela que ela veio do piaui, ai ela ensinou pra minha mãe, e ela ensinou pra mim”
R7	“desde que eu me entendo por gente eu sei, acho que essas coisas a gente nasce sabendo”
R8	“meu filho a gente que é pobre tem que se virar, então a gente aprende do jeito que dar certo”

R9	“aprendi com meu bisavô debaixo de um pé de manga, em uma das histórias deles que ele me contava quando era criança”
R10	“aprendi com uma senhora de uma comunidade próxima, ela tava fazendo e me chamou pra mim ensinar”

Fonte: Aatoria própria, 2025.

As resposta do quadro 1 revelam uma grande Diversidade de aprendizado vias de transmissão Predomínio do repasse vertical familiar (avós, pais, tias), evidenciando a importância da anciãos e anciãs como guardiões do saber tradicional, revelam também um aprendizado com vizinhos e comunidades próximas indicando flexibilidade do conhecimento tradicional.

Alguns moradores revelam uma bagagem cultural de conhecimento, revelando que já nascem sabendo, as respostas (R3, R7) revelam que alguns moradores tem um grande conhecimento que às vezes se perdem na memória quando param pra pensar de onde aprenderam esse conhecimento, a resposta (R2) revela que o conhecimento e interétnico, capaz de pasar de varios contextos diferentes, e revelam uma grande importância na construção de um saber pular unificado.

Alguns moradores revelam ainda a dificuldade socioeconômica, e que muitas vezes esse aprendizado vem por uma necessidade, por falta de acesso a um atendimento à saúde especializado, a resposta (R8), “se virar” reforça a ideia da automedicação como estratégia de resistência em territórios quilombolas.

Articulação etnoquímica dos chás

Neste momento posterior da pesquisa foi marcado, por momentos coletivos, com os moradores, onde as histórias se conectará, cada morador tinha uma receita de chá diferente, às vezes com a mesma erva, mas várias maneiras de utilizar diferente, foi apresentado uma planta medicinal, com a tarefa de estudo para no encontro posterior falar de suas características e para que serve o chá oriundo dela, como a ideia primária era utilizar as percepções do instrumento de pesquisa (A), foi escolhido para o encontro seguinte as plantas mais utilizadas segundo os moradores, que foi o *Cymbopogon citratus* popularmente conhecida pelo moradores como “capim santo” ou “capim limão”.

No encontro posterior os moradores trouxeram cada um uma receita de fazer diferente, alguns debates calorosos se iniciaram com falas como “Esse jeito de fazer ai ta errado”, esses momentos foram muito importante pois foi que os pesquisador pode mostra pro moradores que todos os conhecimentos são importantes, e que tudo que eles sabem é

importante para dentro do conhecimento científico, no final da atividade proposta os participantes responderam o instrumento de pesquisa (B), no quadro a seguir temos as respostas sobre a pergunta “Você gostou da atividade proposta, você aprendeu alguma coisa ?”

Quadro 2 - Respostas do instrumento de pesquisa (B) pós atividades em grupo

R 1.1	“eu gostei muito, acho que aprendi mais do que eu ensinei”
R 2.1	“e cada história que a gente aprende, eu gostei demais”
R 3.1	“parece que eu tava e uma escola, lembrei da época que eu era criança que eu estudava debaixo de uma árvore, foi bom demais”
R 4.1	“Rapaz, não vou mentir pra tu não, acho que tu tinha que ficar mais tempo, e fazer essas coisas com os meninos daqui, eles tão desinteressados sabe, nu querem mais ouvir os mais velhos, gosta de aprender e pelo tik tok”
R 5.1	“Aprendi demais, foi muito bom se reunir e conversa com todo mundo, faz tempo que não senta todo mundo pra conversar”
R 6.1	“toma um remédio natural é bom demais, se me aulas quando eu era menino fosse assim eu não largava”
R 7.1	“muito bom, gostei muito”
R 8.1	“foi bom demais”
R 9.1	“muito bom”
R10.1	“eu nem sabia desse negócio de ciência, a gente faz as coisas por fazer, mais e bom a gente saber dessas coisas”

Fonte: Aatoria própria, 2025.

A resposta (R1.1) mostra um sucesso em abordagem dialogadas, mostrando que houve um aprendizado, que as opiniões dos participantes como “acho que aprendi mais do que eu ensinei” revelam que houve um ensinamento mútuo, alguns relatos dos moradores mostraram um grande prazer em rever os amigos, ou se reunir para conversar sobre essas práticas, a (R5.1) revelam isso além de mostra uma necessidade de metodologias que resgate práticas coletivas.

A resposta (R4.1) revelam um cenário preocupante, apesar de alguns autores revelam que talvez que para atingir as novas gerações é necessário novas formas de abordagens, a resposta (R4.1) revelam um cenário preocupante no repassar de informações, e que talvez a redes sociais são um dos principais motivos para a perda do saber tradicional. (“lembrei da época de estudar debaixo de árvore”, R3) evidenciam que a ligação emocional potencializa a aprendizagem significativa, e que resgatar o valor afetivo também faz parte de um aprendizado.

Os participantes reconheceram conceitos químicos antes desconhecidos (“nem sabia desse negócio de ciência”, R10), demonstrando ganho na alfabetização científica e ampliação do repertório conceitual. Alguns participantes revelaram uma proposta de prolongar o tempo de imersão e aumentar a frequência de encontros, visando atender às expectativas de aprofundamento (R4).

CONCLUSÃO

Os saberes etnoquímicos relacionados aos chás na comunidade estudada constituem um patrimônio cultural vivo que articula práticas terapêuticas, memórias e formas de sociabilidade, oferecendo subsídios relevantes para abordagens interdisciplinares entre etnociência, saúde e educação. Para avanços futuros, recomenda-se fomentar pesquisas colaborativas que valorizem a coautoria comunitária, assegurem a proteção do conhecimento tradicional e devolvam resultados de forma acessível à comunidade.

REFERÊNCIAS

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. LEI N. 4.067, DE 6 DE JUNHO DE 1984. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1984/lei-4067-06.06.1984.html>>. Acesso em: 3 abr. 2024.

BRANDÃO, C.R.; BORGES, M.C. A Pesquisa Participante: um momento de educação popular. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 6, p.51-62. Jan.-Dez, 2007.

CHÁ DÕ. Uma breve história do chá, a planta *Camellia sinensis* - **Blog Chá Dõ**. Disponível em: <<https://chado.com.br/uma-breve-historia-do-cha-a-planta-camellia-sinensis/>>. Acesso em: 2 abr. 2024.

CHASSOT, A.I. Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação. Ijuí: UNIJUÍ, 2000. CHASSOT, A.I. Alfabetização Científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2003 N° 22.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. RESOLUÇÃO N° 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/Resolucoes/2012/Reso466.Pdf>>. Acesso em: 01/12/2023.

COSTA, P.P.; SILVA, D.C. Uma xícara (chá) de química. **Revista Virtual de Química**, v. 3, n. 1, p. 27-36, 2011.

FERNANDES, G. W. R.; FERNANDES, I. H.; SANTOS, D. L. Alfabetização Científica E Tecnológica Como Transformação Social: Uma Reflexão Para A Sua Promoção No Ensino De Ciências A Partir De Uma Tecnologia Social. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, [s.l.], v. 26, 2024. ISSN: 1983-2117, DOI: 10.1590/1983-21172022240195.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. *Bacabal – Quilombo Piratininga*. patrimônio, 2020. Disponível em: <https://www.ipatrimonio.org/bacabal-quilombo-piratininga/#!/map=38329&loc=-4.257495150033579,-44.77546155452728,17>. Acesso em: 1 maio. 2025.

GUARÇONI, E. A. ECOSTA, D. M. T.; ARAÚJO, V. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas no Quilombo Piratininga, município de Bacabal, Maranhão, Brasil. **Revista Cubana de Plantas Medicinales, La Habana**, v. 25, n. 3, p. e858, 2020

MATTOS, C. L. G. De. A abordagem etnográfica na investigação científica. **EDUEPB**, Campina Grande, p. 49–83, 2011. ISBN: 978-85-7879-190-2.

MINAYO, M. C. de S. (org.); DESLANDES, S. F.; CRUZ N. O.; GOMES, R.. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. ISBN 85-326-1145-1.

MUSSOI, M. R. et al. Women and traditional knowledge in health care: understanding traditional healing practices in Brazil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 30, n° 1, 2025. ISSN: 1678-4561, DOI: 10.1590/1413-81232025301.13012023.

SERRES, Michel, (Coord.). História de las ciencias. **Madrid: Editora Cátedra**. 1991.

SILVA, S. F. da; MELO NETO, J. F. de. SABER POPULAR E SABER CIENTÍFICO. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 137–154, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/25060>. Acesso em: 1 abr. 2024. Acesso em: 02/03/2024.